



v. 16, n. 32, Jul./Dez. 2025

Dossiê: **SEM A METAFÍSICA O
MUNDO CORRE SÉRIOS PERIGOS**
EDITORIAL

SEM A METAFÍSICA O MUNDO CORRE SÉRIOS PERIGOS

Ibraim Vitor de Oliveira*

O termo *metafísica* ainda assusta, em especial, quando é assumido de modo unívoco, vinculado quase sempre a um tipo especial de dogmatismo ou assemelhado a um pensamento obscuro, incompreensível, fora do mundo. Contudo, tal termo deveria assustar não tanto pela pretensa univocidade quanto pela sua desconcertante polissemia. Ademais, é impossível que exista algum termo unívoco em nossas línguas, já que o sentido atribuído aos signos linguísticos depende de muitas circunstâncias não linguísticas como nos revelam os *atos ilocucionários* de Austin, na “Oitava conferência” de *Quando dizer é fazer*. Contudo, polissemia das palavras não se confunde com infinitos significados, o que impediria algum significado específico. É sempre possível encontrar noções determinadas e definições razoáveis, mesmo em ocorrências não linguísticas, e parece ser essa, ainda hoje, a tarefa e o labor da filosofia. Pode-se dizer que se não for concebível algum significado para as palavras, igualmente “não será possível o discurso e a comunicação recíproca [...] e nem consigo mesmo. De fato, não se pode pensar (νοεῖν μὴ) se não se pensa *um algo* (νοοῦντα ἓν – *nooúnta hen*); mas se se pode pensar, então se pode também dar nome (ὀνομα – *ónoma*) a um objeto (τῷ πράγματι ἓν – *tó pragmati hen*) pensado” (Aristóteles, *Metafísica*, IV, 1006b 5-12).

A perspectiva aristotélica aqui salientada ensina-nos a analisar a “coisa” que pensamos a qual pretendemos dar o nome de *metafísica*. Seria, portanto, necessário averiguar não exatamente o vocábulo “metafísica”, mas a “coisa” pensada nesta representação, remetendo-nos ao *significado* do termo que se dá em nós unificadamente, num só lance, *a coup de dés*. Assim sendo, a pergunta primeira não poderá ser “*o que é metafísica?*”, mas “*em quais lances mentais é razoável aplicar o termo metafísica?*”. A mudança da pergunta redireciona a própria pesquisa; a “coisa” que buscamos, os *lances mentais*, diz respeito a procedimento, e não mais a “substantivo” ou a uma “substância qualquer”; não se trata mais de um τὸδε τι (*tóde ti* – *um*

* Doutor em Filosofia pela PUG-ROMA. Professor adjunto IV do Departamento de Filosofia da PUC Minas. E-mail: ibramvitorivo@gmail.com.

trem qualquer), mas de um *proceder* desta ou daquela maneira. A resposta a tal pergunta dependerá, então, do “modo” como a pesquisa filosófica é desenvolvida. Naturalmente, ela se dá nos limites das condições de possibilidade humanas, ao que os gregos denominavam de *πρὸς ἡμᾶς* (*pros hemás – de acordo conosco*); consoante com Tomás de Aquino (*STh* Ia 75, a. 5), a tradição reproduz tal operação com a seguinte formulação: “*quidquid recipitur ad modum recipientis recipitur* (tudo o que é recebido, ao modo do recipiente é recebido)”. O modo de recepção humana se dá pelos *sentidos* (recepção da espécie dos sensíveis) e pelo *intelecto* (recepção da espécie dos inteligíveis), fazendo com que a alma humana, segundo Tomás de Aquino (Ia q. 80, a. 1), “se torne de certo modo todas as coisas pelos sentidos e pelo intelecto (*anima hominis sit omnia quodammodo secundum sensum et intellectum*)”. Por sua vez, à recepção intelectual se dá o nome de *pensamento*, e sempre que pensamos, *algo* acontece em nós, um *ato*, um *fato*. Segundo Aristóteles (*Metafísica*, IX, 1051a 30-31), “o pensamento é ato” (*ἡ νόησις ἐνέργεια – he nóesis enérgeia*). Somos, assim, convidados a pensar, a significar, com o nome “metafísica” não um conteúdo específico ou uma substancialidade, muito menos um *procedimento* qualquer, mas um *ato procedimental intelectual* que nos direcione aos fundamentos, às origens mais originárias do sentido. A rigor de termos, *meta-física* (μετά-φυσικά) seria, então, um ato humano de liberdade que se realiza na coragem de se “tomar distância” das realidades sensíveis para melhor compreendê-las (μετά φύσιν) e com o intuito de se retornar às próprias realidades, enriquecendo-as, das quais, num primeiro momento, se tomou distância. Assim, tal procedimento refere-se mais precisamente à “escuta de um grito de socorro” que, após mediação da mente, retorna em forma de *com-paixão* para amenizar o sofrimento do mundo. Em outros termos, metafísica é

uma *atividade de reflexão* que supõe uma prévia tomada de distância, um exílio da mente do dado imediato. A absoluta originalidade da metafísica provém dessa capacidade propriamente humana de colocar-se à distância, de ser livre, e, além disso, de ser aberta a valores [...]. Já que a tomada de distância condiciona o emergir da consciência humana, a metafísica não poderá morrer, a menos que o homem ignore a potência da própria consciência e liberdade; a menos que o homem se abandone a um destino do qual os mais espertalhões saberão apoderar-se. **Sem a metafísica, a humanidade corre graves perigos**” (Gilbert, “A permanência da metafísica”, *Argumentos*, 8, n. 15, Fortaleza, 2016, p. 172).

Nesse caso, poderíamos até mesmo perguntar, *o que ocorre em nós quando pensamos, quando dizemos “metafísica” ou quando formulamos questões?* Se prestarmos atenção a tal acontecer, identificaremos uma atividade mental que é, sem dúvida, um *ato meta-físico* (μετά φυσικά). Não é mero funcionamento fisiológico por si mesmo controlável, mas o efetuar-se de

uma *percepção*, de um *dar-se conta* de uma ocorrência e torná-la um fato “espiritual”. *Damos conta* do que pensamos quando o pensar se nos ocorre. Significa dizer que o *μετά* de *metafísica* não é um *τόδε τι*, uma *res* ou um *trem* separado de nós, da *φύσις*, fora do mundo da vida; é muito mais um fato próprio da realidade humana a qual não se reduz a meras estruturas fisiológicas e nem delas se separa completamente; um *μετά* que, de algum modo, não se adequa à fisiologia é devaneio e contrassenso. Por isso, parece correto afirmar que *metafísica é um modo de pensar as coisas da vida*, descrevendo-as em signos linguísticos, mesmo com o inevitável inconveniente de que “o mesmo nome e a mesma noção possam ter diferentes significados”, como bem expressava Aristóteles, em *Dos argumentos sofisticos* (I, 165a):

é impossível introduzir numa discussão os próprios fatos discutidos (*τὰ πράγματα διαλέγεσθαι φέροντας*), mas no lugar dos fatos (*ἀντὶ τῶν πραγμάτων*) usamos os seus nomes (*τοῖς ὀνόμασιν*) como símbolos (*ὡς συμβόλοις*) e supomos que o que acontece com os nomes aconteça também com os fatos [...]. Mas isso não é igual: os nomes e a quantidade das noções são limitados (*τὰ ὀνόματα πεπεράνται καὶ τῶν λόγων πλῆθος*) [...], já os fatos são ilimitados em número (*τὰ πράγματα τὸν ἄπειρά ἐστιν*).

Este próximo dossiê, inspirado nas palavras de Paul Gilbert, “*Sem a metafísica o mundo corre sérios perigos*”, que pensa a metafísica no âmbito do acontecer de um procedimento, se compõem de oito artigos. Em primeiro lugar, expõe-se a conferência do Prof. Paul Gilbert proferida no “V Simpósio Internacional sobre Metafísica e Filosofia Contemporânea”, ocorrido em 27-30 de outubro de 2025, e que traz como título *Metafísica e ética. Memória e esquecimento*. Logo após, pode-se ler *A invenção da metafísica. Morte e injustiça como desequilíbrio psíquico em Platão*, de Eduardo Rodrigues e Márcio Oliveira Souza da Silva. Em seguida, Daniel Costa e Gabriel Assumpção apresentam o texto, em inglês, *Divine voluntarism and complex ethical systems. An introduction*. Ainda se pode ler o artigo *A teoria da visão das ideias em Deus na Recherche de la vérité de Malebranche*, escrito por Fellipe Pinheiro de Oliveira. Em seguida, apresenta-se *A teoria da metáfora na filosofia de Paul Ricoeur*, de Frederico Soares de Almeida. Logo após, lê-se *Cruzando o limiar do pensamento. Sabedoria e cuidado de si*, de Ricardo Valim. Também escrito em inglês, *The difficult virtue. Reflections on the concept of the general will and its concrete figures* é o texto elaborado por Higor Claudino Oliveira. Fecha a seção “dossiê” o artigo de Natan Fantin, intitulado *A relação entre bem e belo no pensamento de Tomás de Aquino*. Além dos textos do dossiê, há oito artigos de “Temática livre”, um texto em “Ensaaios”, dois em “Artigos traduzidos”, cinco em “Comunicações” e três textos na seção “Resenhas”.

Auguramos proveitosa leitura a todos!